

A MÚSICA COMO RECURSO NO DESENVOLVIMENTO BIOPSISSOCIAL DA CRIANÇA COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEAs)

Ana Carolina dos Santos da Silva¹
 Janaína da Silva de Andrade²
 Luciana Soares de Andrade Sckricoski³
 Suellen Karen Madeira dos Reis Barbosa⁴
 Mônica Cristiane David⁵

RESUMO

Por meio de pesquisas e estudos realizados ao longo dos anos constatou-se que a música contribui para o processo de aprendizagem, por estimular diversas áreas cerebrais, que não são instigadas, geralmente, por outras formas metodológicas. Para a criança com Transtornos do Espectro Autista a música utilizada como um recurso para a sua aprendizagem auxilia no seu desenvolvimento biopsicossocial e colabora para a superação de diversas dificuldades causadas pelo transtorno como: dificuldades para se socializar, para se comunicar e comportamentos repetitivos. Por isso, para a compreensão dessa prerrogativa foi realizado um estudo através de pesquisas fundamentadas teoricamente sobre a história da Educação Especial e suas Legislações, o percurso histórico da música e os seus benefícios para o desenvolvimento biopsicossocial da criança autista, as características do Transtorno do Espectro Autista e as possibilidades que a música pode oferecer utilizada como recurso pelo professor na aprendizagem e no desenvolvimento da criança autista. Também foi realizada a pesquisa de campo, para se conhecer e vivenciar a realidade em estudo.

Palavras-chave: Transtornos do Espectro Autista, Música, Desenvolvimento Biopsicossocial, Aprendizagem, Inclusão.

ABSTRACT

Through research and studies conducted over the years it has been found that music contributes to the learning process as it stimulates various brain areas that are not usually stimulated by other forms of learning development. For children with Autism Spectrum Disorders, music used as a resource for their learning can aid in their biopsychosocial development and collaborate to overcome various difficulties caused by the disorder such as: difficulties to socialize, to communicate and repetitive behaviors. Therefore, to understand this prerogative was carried out a study through research based theoretically on the history of Special Education and its legislations,

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET.

² Concluinte do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET.

³ Concluinte do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET.

⁴ Concluinte do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET.

⁵ Mestre em Educação, Especialista em OTP e EAD, Professora de Graduação e Pós graduação, Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, Membro do Núcleo Docente e Estruturante, Supervisora de Estágio.

historical history of music and its benefits for the biopsychosocial development of the autistic child, the characteristics of Spectrum Disorder Autistic and the possibilities that music can offer used as resource by the teacher in the learning and development of the autistic child. Field research was also carried out to get to know and experience the reality under study.

Keywords: Disorder Autistic Spectrum, Music, Biopsychosocial Development, Learning, Inclusion

INTRODUÇÃO

Para a criança autista, o contato com a música auxilia na recuperação de diversas barreiras que o próprio transtorno traz a sua dificuldade de relacionamento, suas fixações e até mesmo o isolamento podem ser minimizados com o auxílio da música.

Nas escolas, quando se trabalha com música o objetivo é colocá-la como um recurso de aprendizagem para as crianças autistas, pois através da música é possível que a criança possa interagir e se comunicar, contribuindo para o seu desenvolvimento escolar.

Com base nesse contexto define-se como problemática da pesquisa: Como a música auxilia no processo de aprendizagem e desenvolvimento biopsicossocial da criança autista?

Diante desse questionamento, a música pode auxiliar em diversos setores da vida de uma criança e, também, na vida adulta. A música contribui na expansão de regiões cerebrais não desenvolvidas por processos de aprendizagem comuns que, aos poucos são estimuladas e reativadas.

Para tanto, essa pesquisa teve como objetivo geral: compreender a importância da música no processo de desenvolvimento biopsicossocial da criança com Transtornos do Espectro Autista (Teas); os objetivos específicos: pesquisar o percurso histórico da música e seus benefícios para o desenvolvimento biopsicossocial da criança autista; conhecer a história da Educação Especial e as suas legislações; identificar o Transtorno de Espectro Autista e suas características; analisar as possibilidades oferecidas pela música como recurso do professor no desenvolvimento da criança autista.

A música para as crianças autistas tem vários benefícios, sendo um deles, desenvolver o hemisfério direito do cérebro, que é responsável pela fala e tantas

outras vantagens que podem auxiliá-las também no seu desenvolvimento escolar. Segundo Júnior (1999, p. 49), “no autista, a música atinge em primeiro lugar a emoção para, depois, as reações físicas.” Portanto, propor experiências que as façam se desenvolver é um dos objetivos de se colocar a música como um recurso de aprendizagem.

Segundo Olivier (2011), a música traz benefícios para o cérebro de pessoas autistas. Através da música é possível entender como parte do cérebro capta estímulos de emoções, sensações e sentimentos, não precisando passar por regiões cerebrais responsáveis pela razão e emoção.

Diante disso justifica-se a relevância do tema baseando-se nos autores citados.

Os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração deste trabalho foram pesquisas bibliográficas, sites e pesquisa de campo por meio de observações in loco e questionários.

Para a realização desse artigo, num primeiro momento foi realizada a pesquisa bibliográfica que é todo material teórico publicado a respeito do assunto a ser pesquisado, visto que,

A pesquisa bibliográfica é fundamentada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou do seu tema pesquisa. (PÁDUA, 2004, p. 55)

Também uma pesquisa de abordagem qualitativa, que pretende saber de que forma e porque determinado fenômeno ocorre, porque,

Com o desenvolvimento das investigações nas ciências humanas, as chamadas pesquisas qualitativas procuraram consolidar procedimentos que pudessem superar os limites das análises meramente quantitativas. A partir de pressupostos estabelecidos pelo método dialético e também apoiadas em bases fenomenológicas, pode-se dizer que as pesquisas qualitativas têm se preocupado com os significados dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais. (PÁDUA, 2004, p. 36)

Com foco na pesquisa de campo que acontece através da observação no local onde ocorrem os fatos e fenômenos a serem estudados, a pesquisa de campo é definida como: “pesquisa em que se realiza uma coleta de dados através de entrevistas, e/ou questionários, observação, in loco, para análise de resultados posteriores.” (LOPES, 2006, p. 215)

Para auxiliar nessa pesquisa foi elaborado um questionário com 06 questões, sendo 04 objetivas e 02 subjetivas, com 28 professores da Educação Infantil e anos iniciais da rede pública ensino, pelo fato que o questionário é a maneira de se coletar dados da forma mais eficaz e exata para se calcular o que se almeja. “O questionário é elaborado e utilizado em pesquisa de campo, para dar apoio ao pesquisador em sua coleta de dados. Deve ser claro, objetivo e de fácil interpretação tanto para o entrevistado como para o entrevistador.” (LOPES, 2006, p. 241)

Também foram realizadas 03 observações em sala de aula com alunos autistas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. As observações in loco são muito importantes para a pesquisa, pois é por meio delas que se pode entrar em contato direto com a realidade do tema em estudo, realizar reflexões, comparações e análises acerca do que se observou. “Uma das formas de pesquisa de campo é a observação direta. Nesse caso, a pesquisa ocorre por meio da verificação in loco, da oitiva de pessoas e de testemunhos, e do exame dos fatos e dos fenômenos.” (BONAT, 2009, p. 14).

A pesquisa de campo na qual fazem parte as observações, colabora muito para um trabalho mais reflexivo e no qual é possível comparar teoria e prática, para que se possa conhecer a realidade que se está estudando, compreendendo o contexto da pesquisa e buscando formas mais efetivas de transformar essa realidade.

UM POUCO DO PERCURSO HISTÓRICO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, em seu artigo 58, define Educação Especial como “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.”

Portanto a Educação Especial pode ser entendida como uma área da educação, dedicada a atender pessoas com necessidades especiais, com altas habilidades ou superdotação, ou afins, e com a finalidade de incentivar e desenvolver as capacidades dessas pessoas através de práticas pedagógicas e estratégias. Por meio de um ensino voltado as características específicas dos alunos a serem atendidos, e incentivando uma educação inclusiva fundamentada principalmente no respeito às diferenças.

De acordo com o Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial - Práticas em Educação Especial e Inclusiva (BRASIL, 2008), acredita-se que já no período primitivo devido às dificuldades enfrentadas por esses povos, pelo fato de serem nômades e viverem somente da caça e da pesca, eles abandonavam as pessoas que possuíam algum tipo de deficiência ou fugia aos padrões aceitáveis por eles. Essas pessoas acabavam sendo um “peso” para as tribos, devido a sua dependência e aos perigos enfrentados. Esse abandono acabava causando-lhes a morte.

Na Antiguidade em Esparta e Atenas as crianças com algum tipo de deficiência eram desprezadas e abandonadas. Além disto,

Sabe-se que em Esparta, onde a organização sociocultural era fundamentada em um ideal de homem forte e atlético, as crianças que apresentavam alguma deficiência eram consideradas subhumanas, legitimando assim seu abandono ou eliminação.(BERGAMO, 2012, p. 33)

De acordo com Andrade, Hoça e Barni (2012), na Grécia e em Roma também, as crianças com deficiências sofriam o abandono e a morte. Somente no Antigo Egito que havia possibilidades para essas pessoas com alguma deficiência continuarem suas vidas normais e cumprirem suas tarefas.

Na Idade Média com a propagação do Cristianismo, surge uma nova visão das pessoas que possuíam algum tipo de deficiência. Segundo Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial - Práticas em Educação Especial e Inclusiva (BRASIL, 2008), a morte ou o abandono dessas pessoas não podia mais ocorrer já que nessa época começaram a acreditar que todos possuíam alma, e atentar contra essas pessoas era se opor aos propósitos divinos. Também a solidariedade e a caridade passaram a ser muito valorizadas.

Em torno do século XIX, começaram os estudos científicos e as análises a respeito das deficiências, e também os atendimentos clínicos a essas pessoas. Pode-se destacar alguns médicos e estudiosos que contribuíram muito com os estudos em relação à deficiência e aos métodos de ensino para pessoas deficientes como:

(...) os de Philippe Pinel, em 1800, que escreve os primeiros tratados sobre os atrasos mentais; os de Esquirol, entre 1780 e 1820, que estabeleceu a diferenciação entre idiotia e demência; os de Seguin, de 1840 até 1870, que elaborou um método para a educação de crianças com atraso mental, que denominou método fisiológico. (STOBÄUS; MOURÑO, 2004, p. 17)

Também Jean Marc Itard que através dos seus estudos e estratégias de ensino, tentou recuperar uma criança com deficiência mental e a médica e educadora Maria Montessori, muita conhecida na área da educação pelos seus métodos educacionais fundamentados no uso de material concreto. Porém, esse progresso na educação especial realizado por Jean Marc Itard e Edward Seguin, ficou limitado somente ao processo científico. E no começo do século XX, a ordem sociocultural acaba oferecendo a essas pessoas tratamentos distintos como internamento em hospícios, e em instituições onde elas poderiam ou não aprender trabalhos e novamente o abandono, tudo isso para manter a ordem na sociedade ou a harmonia familiar.

Segundo Bergamo (2012), o século XX foi marcado pela obrigatoriedade e pela expansão da escolarização básica, e os alunos que não conseguiam se adaptar ou acompanhar o ritmo de aprendizagem por algum transtorno ou deficiência acabavam sendo excluídos e encaminhados para escolas especiais.

A ideia da escola inclusiva, que seria o atendimento dos alunos com necessidades educativas especiais nas escolas regulares e não mais nas escolas especiais, teve fundamento com a declaração universal dos direitos humanos. Que afirma que todos têm direito a educação de qualidade independente das suas condições físicas, sociais ou culturais e o poder público é responsável por ofertar essa educação.

Essa proposição foi incluída de forma explícita na declaração final da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais realizada em Salamanca (Espanha) de 7 a 10 de junho de 1994 (UNESCO e Ministério da Educação e Ciência, 1995). Dela participaram representantes de 88 países e 25 organizações internacionais relacionadas à educação. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 26)

Mas, mesmo o acesso à escola regular sendo obrigatório e respaldado na lei, o processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais ainda precisa melhorar muito, principalmente com relação à estrutura física das escolas, a falta de preparo e qualificação dos professores para atender e receber esses alunos.

Sobre o histórico do autismo ele foi definido pela primeira vez pelo psiquiatra austríaco Eugene Bleuler, em 1911, ele associava o autismo com a esquizofrenia. Segundo Silva (2012), ocorreu um primeiro caso de autismo, ao longo da história da medicina de um garoto encontrado na floresta, pelo médico francês François Itard, mesmo recebendo tratamento, esse menino não conseguiu desenvolver a fala, devido

às particularidades apresentadas no seu comportamento e na sua forma de se relacionar.

No ano de 1943, os médicos Leo Kanner e Hans Asperger, foram os pioneiros no estudo do autismo. Adotaram o termo autismo para descreverem padrões de comportamentos, segundo Maciel e Filho (2009, p. 225), padrão de comportamento como, “crianças e jovens que se mantinham alheios às pessoas à sua volta, demonstravam interesse fixo em assuntos restritos, linguagem mecânica, quando falavam, tendência à rotina e à mesmice”.

Transtornos do Espectro Autista (TEAs), define-se como uma perturbação mental, englobando diferentes síndromes, também já foram chamados de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), tendo como característica a Tríade de comprometimentos, que são transtornos que geram dificuldades na comunicação, na sociabilidade e comportamentos repetitivos, sendo o Espectro Autista a associação desses sintomas.

As crianças autistas apresentam dificuldades de relacionamento, de reconhecimento de pessoas e objetos. Sobre os sintomas apresentados em crianças autistas, Grandin e Scarlano (1999, p.19), explica que apresentam comportamentos como o de se esquivar-se ao toque alheio, ausência na fala ou sem significado, comportamentos repetitivos, acessos de raiva, sensibilidade a barulhos altos ou incomuns e falta de contato emocional com outras pessoas.

Para Grandin e Scarlano (1999), certos autistas parecem responder bem a um determinado tratamento, outros, a outro. E alguns autistas requerem a internação por toda a vida, devido à falta de percepção do mundo exterior ou à violência do comportamento.

A importância do diagnóstico precoce é fundamental para o tratamento da criança autista. De acordo com Grandin e Scarlano (1999, p.193), “o tratamento e a terapia devem ser iniciados assim que o comportamento anormal for observado”.

Na opinião de Maciel e Filho (2009, p. 230), “a integração e inclusão da criança na vida da família e na comunidade são fundamentais para seu desenvolvimento”. E para que o tratamento da criança autista ocorra de forma expressiva, à presença de pessoas próximas devem ser de forma harmoniosa, contribuindo para seu desenvolvimento, onde possa se tornar uma pessoa independente na sociedade.

Com relação à utilização da música no desenvolvimento biopsicossocial da criança com Transtornos do Espectro Autista pode trazer resultados satisfatórios de aprendizado, pois diversos estudos comprovam que a música desenvolve partes cerebrais responsáveis por inúmeros comportamentos. Segundo Silva (2012), ao longo dos anos foram feitos vários estudos a respeito dos efeitos da música sobre o ser humano e por meio desses estudos pode-se perceber que a música exerce influência no organismo, podendo ser de forma negativa ou positiva, levando em consideração o tipo de música que se ouve, esses efeitos são chamados bioquímicos. Ainda de acordo com Silva (2012), a música traz a possibilidade de estimular qualquer tipo de sentimento, desenvolver e intensificar qualquer tipo de emoção. Auxilia na memorização, na atenção, na reflexão, desenvolve a criatividade e a imaginação, facilitando a aprendizagem, pois ativa uma grande quantidade de neurônios.

Em sala de aula para crianças com TEAs, que apresentam a “tríade autista”, a dificuldade em socialização, comunicação e comportamento, a música entra como um recurso muito válido, pois a mesma tende a desenvolver estas áreas que são afetadas, a música utilizada pelo professor (infantis, parlendas, cantigas de roda, entre outras) ajuda a criança a interagir com colegas e expressar seus conhecimentos. Por isso o professor pode incluir a música no cotidiano escolar deste aluno, e utilizá-la como um recurso a seu favor.

O PROCESSO METODOLÓGICO E A PESQUISA

Levando em consideração a importância de se conhecer o campo real de estudo da música no desenvolvimento biopsicossocial da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEAS), foi realizada pesquisa de abordagem qualitativa na Escola Municipal Nympha Maria da Rocha Peplow - Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada na Rua Batista Pessine, 933, no bairro Vista Alegre em Curitiba.

Foi elaborado um questionário com 6 questões onde 4 dessas são objetivas e 2 questões dissertativas. A escola possui um total de 36 professores, sendo 26 no período da manhã e 10 no período da tarde. Desses 36 professores, 28 aceitaram ficar com o questionário e 19 professores responderam.

A primeira questão do questionário é sobre a formação dos professores. Dos 19 professores que responderam, 16% correspondendo a 3 professores possuem graduação em Pedagogia, 79% correspondendo a 15 professores possuem especialização, onde 3 são especialistas em Educação Infantil, 3 em Psicopedagogia, 1 em musicalização, 1 em Pré-escola, 1 em Educação Especial, 1 em Tecnologias Educacionais, 1 em Avaliação de Ensino, 1 em Gestão de Instituição de Ensino, 1 em Dinâmicas do Espaço Escolar e 1 em Estudos Sociais, 1 professor não especificou a especialização, 5% correspondendo a 1 professor possui doutorado, mas também não especificou e 0%, ou seja, nenhum professor possui pós-doutorado.

A formação dos professores para atuar com alunos da Educação Especial é muito importante, pois de acordo com Miranda e Filho (2012, p. 140) é:

requisito para garantia da inclusão de estudantes com deficiência na escola básica, fazendo a análise dos saberes necessários para esta formação, bem como problematizando as propostas de formação inicial e continuada empreendidas pelas instâncias competentes buscando, sobretudo, trazer sugestões de possibilidades formativas.

A segunda questão é sobre o processo de inclusão com alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista em escolas regulares, se os professores acreditam que essa inclusão realmente ocorre, 79% correspondendo a 15 professores responderam que sim, acreditam que ocorre essa inclusão, sendo que 1 justificou sua resposta, 16% correspondendo a 3 professores responderam que não acreditam que ocorre a inclusão, sendo que 1 justificou sua resposta e 5% correspondendo a 1 professor respondeu duas alternativas: sim e não, e justificou sua resposta.

Ao se falar em educação inclusiva, segundo Andrade, Hoça e Barni (2012) pode-se pensar no professor como peça principal nesse processo, pois é ele quem está em contato direto com o aluno e pode praticar idéias, experimentações e ações, e através disso é que podem surgir novas estratégias para melhorar o processo de ensino-aprendizagem desse aluno.

A terceira questão é sobre a música como recurso metodológico do professor, para auxílio da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEAs), contribui no desenvolvimento biopsicossocial. Para a resposta dessa questão os professores foram numerados de 1 a 19.

Nessa questão os professores 1, 4, 6 e 11 responderam que a música contribui para socialização, oralidade e interação.

Os professores 2 e 4 responderam que a música contribui para a memória, ritmo, cognitivo e desenvoltura.

O professor 3 respondeu que a música é um recurso indispensável.

O professor 5 respondeu que a música aprimora o desenvolvimento.

O professor 6 respondeu que a música contribui para o biológico e psicológico.

O professor 7 respondeu que a música é uma ajuda considerável.

O professor 8 respondeu que a música pode ser vista como ponte entre o professor e o aluno autista.

O professor 9 respondeu que a música acalma e desperta vários estímulos.

O professor 10 respondeu que a música promove um envolvimento maior do aluno autista nas atividades.

O professor 11 respondeu que a música proporciona prazer, calma e concentração.

Os professores 12 e 18 ficaram em dúvida e responderam que tudo depende da criança com TEAs.

Os professores 13 e 15 responderam que a música auxilia nas dificuldades de aprendizagem.

O professor 14 respondeu que a música auxilia na concentração.

O professor 16 respondeu que a música é um canal de comunicação para a criança com TEAs.

O professor 17 respondeu que a música é um excelente recurso para a aprendizagem.

O professor 19 respondeu que a música contribui sim.

Sem dúvida a música é um excelente recurso metodológico que pode e deve ser utilizado pelo professor para colaborar no aprendizado da criança com TEAs e no seu desenvolvimento biopsicossocial também. Pois de acordo com Silva (2012), as atividades elaboradas na área da música contribuem com a inclusão de crianças com Transtornos do Espectro Autista, por apresentar características lúdicas e de livre expressão sem cobranças de resultados, nem pressões, é um método de alívio e relaxamento para a criança, colaborando com a sua desinibição e com o seu envolvimento social, estimulando noções de respeito e consideração pelo outro, contribuindo também para outras aprendizagens. Dessa

forma, permitem que as crianças descubram capacidades que muitas vezes se encontravam ocultas.

A quarta questão é sobre como pode ser entendido os efeitos influenciados pela música exercidos no organismo do ser humano no desenvolvimento biopsicossocial da criança com TEAs. Essa é uma questão objetiva, com três alternativas sendo elas: a) que esse desenvolvimento ocorre no decorrer da sua vida estudantil, com aulas tradicionais; b) o desenvolvimento biopsicossocial ocorre quando a criança passa por experiências no campo, biológico, psicológico e social através de experimentações, sendo a música um ótimo recurso onde todos esses campos podem ser utilizados; c) mesmo a música desenvolvendo várias áreas de aprendizagem das crianças com TEAs, o campo social não é muito utilizado, pois instrumentos são utilizados somente uma criança por vez fazendo com que não se tenha socialização. 89% correspondendo a 17 professores responderam a alternativa b e 11% correspondendo a 2 professores não responderam, as alternativas a e c não foram escolhidas.

Sendo a música um incentivador do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, pois através da música a criança consegue se conhecer, conhecer o seu corpo, e realizar uma interação com os que fazem parte do seu convívio. Nas crianças com Transtorno do Espectro Autista, Silva (2012, p.60) afirma que “de uma forma geral, a música atinge primeiramente a emoção e mais tarde as reações físicas, como a marcação do ritmo. Deste modo, o portador de autismo poderá interagir com o mundo que o rodeia.”

A quinta questão é sobre a música em sala de aula. Essa também é uma questão objetiva, com três alternativas, sendo elas: a) fundamental, pois constitui um recurso de aprendizagem muito utilizado e que colabora para o desenvolvimento intelectual, cognitivo e social da criança; b) importante, mas sua utilização deve ser bem planejada para que possa trazer resultados positivos; c) desnecessária, a música não colabora em nada com a aprendizagem e não traz nenhum benefício significativo em relação ao desenvolvimento da criança. 29% correspondendo a 4 professores responderam a alternativa a e 71% correspondendo a 15 professores responderam a alternativa b.

A presença da música em sala de aula é muito importante, pois estudos comprovam que a música é um recurso que auxilia no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Silva (2012, p. 48):

A música encontra-se inserida no meio proporcionando resultados, contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades. Estes resultados têm vindo a contribuir, ao longo dos tempos, para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças.

A sexta questão aborda os fatores que influenciam o desenvolvimento biopsicossocial de um ser humano e o que é importante destacar dentro desses fatores quanto ao ensino da música para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nessa questão o professor 1 respondeu perceber a realidade.

O professor 2 respondeu fator social.

O professor 3 respondeu som e movimento estimulam e desenvolvem as crianças com TEAs..

O professor 4 respondeu sensibilidade biológica, vínculos emocionais artísticos e adequação da proposta.

O professor 5, 7, 8, 10 e 13 responderam desenvolvimento de todos os fatores.

O professor 6 respondeu que a música é o gatilho para uma área artística de interesse.

O professor 9 respondeu emocionalmente e no cognitivo.

O professor 11 respondeu a utilização de músicas curtas e tranquilas colaboram para o desenvolvimento do “canal musical” das crianças com TEAs.

O professor 12 respondeu a música utilizada no momento certo e com planejamento traz resultados positivos.

O professor 14 respondeu a utilização da música é agradável.

O professor 15 respondeu a utilização da música com alunos com TEAs em escolas regulares não é mais eficaz por falta de experiência e conhecimento dos profissionais.

O professor 16, 18 e 19 não responderam.

O professor 17 respondeu social e emocional, pois a música transmite emoção.

A música de um modo geral consegue atingir e trabalhar com os fatores que influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, e quando se fala na

criança com TEAs a música também contribui com esse processo. De acordo com Silva (2012, p. 49): “A música é um meio de intervenção muito poderoso em diversas áreas do desenvolvimento de uma criança, tanto a nível mental como físico, sensorial, emocional, psicomotor e social”.

Além da entrega dos questionários aos professores foram realizadas 03 observações durante 03 dias seguidos em sala de aula com alunos autistas, para verificar a relação do aluno autista com os outros alunos, com as professoras e se as professoras utilizam a música como recurso metodológico para melhorar a aprendizagem e o desenvolvimento desses alunos e como isso ocorre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas foi possível obter conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEAs), a respeito dos fatores históricos sobre a Educação Especial e suas legislações e também de que maneira a música pode influenciar o desenvolvimento biopsicossocial da criança com TEAs. Durante todo o andamento dos estudos apresentados neste trabalho, pode-se concluir que a música contribui significativamente para a criança com Transtorno do Espectro Autista. Pois através da música diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas, a música também propicia uma aprendizagem integral e de forma prazerosa e colabora para a inclusão das crianças com algum tipo de deficiência ou transtorno.

Para a comparação dos dados da pesquisa bibliográfica com a prática realizada nas escolas foi possível analisar através de observações realizadas *in loco*, também em contato direto com professores que trabalham com crianças com TEAs, sendo estas muito agregadoras para a elaboração desse trabalho. As observações puderam mostrar grandes lacunas quando se fala da prática X teoria. Na prática existem professores despreparados para utilizar a música como um recurso em benefício da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças com Transtorno do Espectro Autista e acabam deixando de lado o que poderia ser um grande auxílio para essas crianças, tanto para o seu desenvolvimento biopsicossocial quanto para sua inclusão, porém existem aqueles que sabem utilizá-la e têm realmente grandes chances de obter resultados significativos no processo de aprendizagem da criança autista.

Sendo assim ainda há barreiras a serem vencidas para que este recurso seja utilizado com sucesso no processo educativo e social da criança com TEAs, a principal delas é fazer com que o professor, acima de tudo, reconheça que a criança que sofre com o Transtorno do Espectro Autista pode e tem tanta capacidade quanto um aluno que não tem nenhum tipo de deficiência, e que a partir deste estudo apresentado se busquem novas formas de se vencer as dificuldades aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vania Maria; HOÇA, Liliamar; BARNI, Edí Marise. **Educação e Políticas de Inclusão**. Curitiba: Opet, 2012.

BARROS, Marisa R. M. de. **A música como mediadora do conhecimento cognitivo em crianças com perturbações Autísticas: Intervenção junto de uma aluna com perturbações Autísticas**. 137p. Tese de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://meloteca.com/pdf/musicoterapia/marisa-barros_autismo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2016.

BERGAMO, Regiane Banzatto. **Educação Especial – Pesquisa e prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

BONAT, Débora. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009, 3. Ed.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial. Práticas em Educação Especial e Inclusiva**. UNESP – Universidade Estadual Paulista

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação (Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais)**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.

ERIKSON, Erik H. **Infância e Sociedade**. Coleção: Ciências da Educação: Rio de Janeiro, Zahar, 1976, 2. Ed.

FILHO, Júlio de Mesquita. Faculdade de Ciências/Bauru. **Departamento de Educação.** Bauru, 2008. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro2.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

GRANDIN, Temple; SCARLANO, Margaret M. **Uma menina estranha.** Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JÚNIOR, L. **O poder da música.** Disponível em: <<http://www.estouautista.com.br/index.php/2012/06/25/o-poder-da-musica-2/>> Acesso em: 17 mar. 2016.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

MACIEL, M. M. FILHO, A.P.G. Autismo: uma abordagem tamanho família. In: DÍAZ, F., *et al.*, orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online].** Salvador: EDUFBA, 2009, p. 224-235. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão.(org). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.** Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/o-professor-e-a-educacao-inclusiva.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2016.

MUSZKAT, M. **Música, neurociência e desenvolvimento humano.** Disponível em: <<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/musica-neurociencia-e-desenvolvimento-humano/>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

OLIVIER, Lou de. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da Pesquisa. Abordagem teórico-prática.** Campinas: Papirus, 2004.

SARAIVA, Jovem. **Dicionário da língua portuguesa ilustrado.** Organização da Editora. São Paulo: Saraiva, 2010.

STOBÄUS, Claus Dieter; MOURIÑO, Juan José. **Educação Especial: em direção a educação inclusiva.** 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.